



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO DE PESQUISA-AÇÃO COLABORATIVA NA FORMAÇÃO INICIAL DE UM PROFESSOR E UMA PROFESSORA DE LÍNGUA INGLESA

Marcelo Maciel Ribeiro Filho
(UEG – Câmpus Inhumas)

RESUMO: Este relato de experiência objetiva apresentar as reflexões de um professor e uma professora em formação inicial obtidas durante a fase de regência do Estágio Supervisionado de Língua Inglesa II. O cumprimento da regência ocorreu em uma unidade do colégio da polícia militar no turno matutino nas turmas de 2º ano ao longo de um mês. As aulas foram elaboradas seguindo a matriz do Currículo Referência da Secretária Estadual de Educação do Estado de Goiás. Ao seguirmos o planejamento anual da professora regente, trabalhamos o gênero textual anúncio publicitário dentro de uma sequência didática aplicada em três aulas em quatro turmas de 2º Ano. Optamos por trabalhar estratégias de leituras e exercícios de interpretação do gênero textual em questão. O planejamento das aulas foi feito de forma colaborativa entre o professor e a professora em formação inicial, levando em consideração o processo de educação linguística, no qual o/a aluno/a é ativo e o/a professor/a mediador/a. Portanto, ao fim da fase de regência, observamos que não é possível desassociar a educação linguística de inglês com práticas colaborativas durante o planejamento e a execução de cada aula.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Inglesa. Planejamento colaborativo. Ensino Colaborativo.

Talvez um dos maiores desafios criativos para os/[as]¹ educadores do nosso tempo seja encontrar um equilíbrio na nossa prática de modo tal que disciplina seja tão somente um componente necessário de certos modos de aprendizagem. Afinal, se queremos formar cidadãos/[ãs] críticos, temos que acolher, praticar e desenvolver a participação criativa e atuante nas nossas próprias salas de aulas como espaços de ação social democrática. (SCLATTER; GARCEZ, 2012, p. 16)

A epígrafe, que dá início a este texto traz uma importante reflexão sobre a prática do/a profissional docente, que tem em mente a formação integral da identidade de seus/suas alunos/as, de modo que, a sua prática não pode se resultar somente no saber acadêmico. Mais do que isso, é preciso associar o saber do/a docente em sua prática. A partir dessa reflexão, objetivamos mostrar a contribuição da pesquisa-ação colaborativa e do ensino colaborativo na formação inicial de um professor e de uma professora (FIGUEIREDO; OLIVEIRA, 2012;

¹ Pessoa; Urzêda Freitas (2012) argumentam que “a utilização de nomes e pronomes masculinos não é vista como forma neutra, mas, sim, denota o ocultamento do gênero feminino, sendo, portanto, discriminatória”. Partindo desse pressuposto, nesse texto, haverá marcação de gênero e serão empregados tanto os pronomes para o gênero masculino quanto para o feminino.



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

PESSOA; BORELLI, 2011; SILVESTRE, 2008, 2014; SILVESTRE; PESSOA, 2010), durante a realização da fase de regência do Estágio Supervisionado de Língua Inglesa II. Assim, apresentaremos os resultados da experiência advindas do decorrer das doze aulas que nos foram disponibilizadas para trabalharmos como professor e professora regente na escola pública. Sendo que antes dessa fase, passamos anteriormente pela fase de observação, que foi o período disposto para conhecermos o colégio e seu funcionamento. A segunda etapa do estágio é a fase de semirregência, na qual, recebemos a autorização da professora regente de língua inglesa da escola-campo para observar quatorze aulas, para posteriormente desenvolver o projeto de pesquisa-ação colaborativa.

O estágio aconteceu em uma unidade do Colégio da Polícia Militar do Estado de Goiás, na cidade de Inhumas, de ensino médio, no turno matutino. Assim, aplicamos o nosso projeto de pesquisa ação-colaborativa em quatro turmas do 2º ano. Os/as alunos/as dessas turmas, têm em média 16 a 19 anos de idade, jovens que em grande parte participam das aulas apesar das dificuldades, percebidas por nós, que eles/as têm com a língua inglesa.

Durante a fase de semirregência, percebemos que há nas salas de aulas uma grande quantidade de alunos/as (por volta de 45 discentes por sala de aula), e em consequência disso, dificultou-se o nosso trabalho em dar uma maior atenção aos/as estudantes que precisam de orientações específicas para desenvolver as atividades, pois é complicado até mesmo caminhar pela sala de aula.

Os dados aqui analisados foram advindos de diários reflexivos e de um questionário. Para interpretar e analisar os dados, a metodologia adotada foi do tipo qualitativa. Denzin; Lincoln (2006, p. 17) argumentam que a coleta de diferentes e variados materiais empíricos “envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para o mundo, o que significa que seus/[as] pesquisadores/[as] estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos de significados que as pessoas a eles conferem. ”

Além desta parte introdutória, este relato de experiência consta a fundamentação teórica, na qual revisamos a literatura a respeito da pesquisa ação-colaborativa, da reflexão a partir da colaboração. Em seguida, lançamos um olhar para os dados que evidenciou a participação dos/as alunos/as nas aulas por meio do ensino e aprendizagem colaborativa. E por fim, as considerações finais sobre a nossa experiência.



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

Uma breve revisão literária sobre a pesquisa-ação

Segundo Silvestre (2008), os termos pesquisa-ação, investigação na ação, pesquisa colaborativa e práxis emancipatória são usados para qualificar a pesquisa dos/as professores/as sobre suas práticas. A pesquisa-ação teve origem nas Ciências Sociais na década de 40, essa expressão é atribuída ao teórico Lewin. Alguns/as teóricos relacionam a pesquisa-ação aos contextos educacionais, entretanto, essa metodologia se aplica aos mais diferentes contextos sociais.

A pesquisa-ação possibilita o papel de produtor de conhecimento ao/a professor/a, e deste modo, ele/a deixa de aplicar as teóricas acadêmicas geradas pelos/as pesquisadores/as. Portanto, a pesquisa-ação pode proporcionar, um maior reconhecimento na prática do/a profissional docente, ou seja, essa metodologia evidencia a intrínseca relação entre teoria-prática e não a importância da teoria para dar suporte a prática em sala, como se fossem instâncias separadas. Isto vem ao encontro de Silvestre (2008, p. 37) que concluiu que “a pesquisa-ação desempenha um importante papel na formação de professores[/as], pois possibilita o desenvolvimento profissional, busca solucionar o problema da relação entre teoria e prática, permite uma reflexão mais sistemática”.

Entretanto, as contribuições da pesquisa-ação para a reflexão crítica do/a professor/a sobre sua prática foram alvo de críticas. Alguns teóricos do modelo de formação crítica de professores/as argumentam que a reflexão sobre a prática não leva a reflexões a outros fatores/questões sociais. As professoras formadoras Brossi (2015) e Silvestre (2008) discorrem sobre a reflexão sobre a prática a partir da colaboração, vejamos:

(a colaboração) Envolve críticas e reflexões acerca da visão de mundo de cada um. Na colaboração, todos têm um espaço para expor o que pensam, e isto é mais que imprescindível para que surjam cada vez mais práticas inovadoras que podem mudar o cenário da educação. (BROSSI et al., 2015, p.516)

A meu ver, partindo da reflexão sobre a prática, se pode chegar à reflexão crítica, uma vez que a sala de aula é um contexto micro com questões sociais tão relevantes e possíveis de receber olhares críticos quanto o contexto macro em que está inserido. A dificuldade está em despertar esse olhar crítico dos professores. (SILVESTRE, 2008, p. 22)



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

Nessa perspectiva, a reflexão sobre a prática a partir da colaboração, envolve as teorias pessoais de cada um/a dos/as envolvidos/as no processo e chega-se à reflexão crítica, assim, questões sociais em contextos micros são problematizados para se chegar em práticas inovadoras que podem alterar o contexto macro. Ainda nesta mesma linha de considerações, Elliott (1990 *apud* SILVESTRE, 2008) defende a ideia que a pesquisa-ação é um importante instrumento para a reflexão do/a professor/a.

Nesse texto, optamos por utilizar o termo pesquisa-ação de Silvestre (2008, p. 24),

[a] pesquisa-ação pode ser entendida como o estudo de um determinado contexto social, realizado pelos/as] próprios/as] atuantes desse contexto, com vistas a promover mudanças por meio da aplicação de planos de ação. No contexto educacional, a pesquisa-ação é um tipo de investigação realizada pelos/as] professores/as] em suas salas de aula.

Além dos/as professores/as promover mudanças, Burns (1999 *apud* SILVESTRE; PESSOA, 2010, p. 85), destaca a “oportunidade de partilhar de problemas comuns” e assim trabalhar em grupo colaborativamente. Elliott (1990 *apud* SILVESTRE; PESSOA, 2010), reforça que na pesquisa-ação, a teoria só é válida por meio da prática e não independente dela.

No processo de pesquisa-ação colaborativa, Silvestre (2008) propõe o modelo mais adequado para ser desenvolvido por professores/as em formação inicial de língua estrangeira.

Silvestre (2008) argumenta que o modelo de pesquisa-ação colaborativa deve ter a orientação de um/a professor/a formador/a ou professor/a universitário/a, porque, os/as professores/as em formação inicial ainda não tem experiência nesse tipo de pesquisa. Desse modo, a colaboração ocorre entre o/a professor/a em formação inicial e o/a professor/a formador/a ou professor/a universitário/a é promover a colaboração.



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

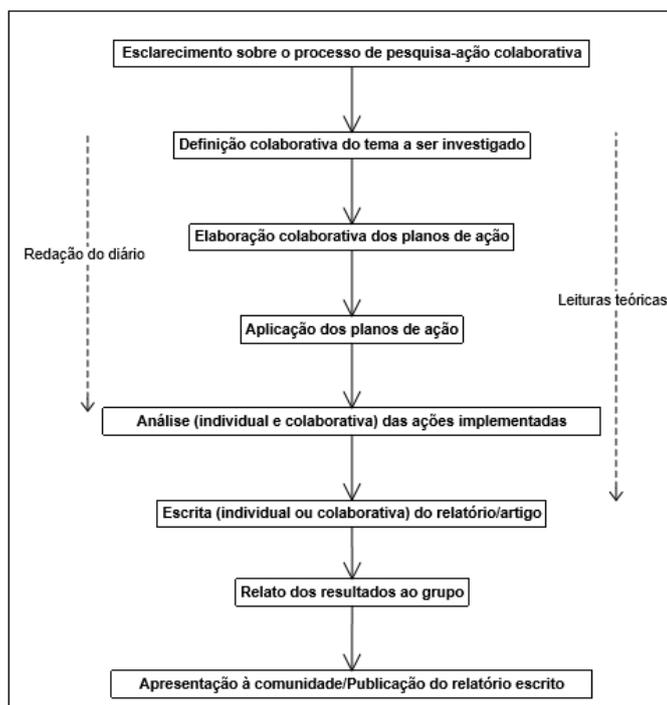


Figura 1- Modelo de pesquisa-ação colaborativa para professores/as de língua estrangeira em formação inicial.

FONTE: Silvestre (2008, p.31)

Na realidade do estágio supervisionado na UEG – Câmpus Inhumas, esse modelo de pesquisa-ação tem a seguinte configuração: em um primeiro momento, há o estudo e discussão de textos acadêmicos que tratam da pesquisa-ação colaborativa, e a partir disso, o/a professor/a formador/a faz a proposta dessa metodologia para o planejamento e aplicação das aulas na fase de regência. Logo em seguida, os/as professores/as em formação inicial, a partir da problematização que encontraram na fase de semirregência definem os planos de ação, assim, eles/as planejam colaborativamente as aulas que podem promover uma mudança na situação investigada e aplicam essas ações em suas salas de aulas. Nas próximas etapas, juntamente com os/as professores/as formadores, os/as professores/as em formação inicial refletem sobre os planos de ação e também sobre a prática na ação. Caso necessário, novos planos de ação são feitos. Antes do fim da pesquisa, os/as professores/as em formação inicial escrevem o relato de experiência contendo as reflexões do processo e os resultados alcançados, mais uma vez, sob o olhar do/a professor/a formador/a. E, por fim, esse relato de experiência é apresentado à comunidade no Simpósio de Prática e Ensino de Línguas



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

(SIMPEL), que acontece anualmente na UEG – Câmpus Inhumas, e a partir do ano de 2015, o relato de experiência é publicado nos anais do evento.

A respeito disso, Silvestre; Pessoa (2010, p. 90) enfatizam que “vivenciar a pesquisa-ação no contexto escolar por vezes não é uma tarefa fácil”. Por isso, uma forma interessante de tornar o ambiente escolar favorável a educação linguística, é promover trabalhos colaborativos. Segundo Figueiredo; Oliveira (2012, p. 32), a educação linguística colaborativa “é uma abordagem construtivista que se refere, a situações educacionais em que duas ou mais pessoas aprendem ou tentam aprender juntas”.

Apresentada uma breve literatura sobre a pesquisa-ação colaborativa e como ela se configura na prática do estágio na UEG – Câmpus Inhumas, dedico a próxima seção à análise dos dados coletados advindos de diários reflexivos e questionário aplicado após o fim da fase de regência.

Um olhar sobre os dados - uma experiência com a colaboração no Estágio Supervisionado de Língua Inglesa II

Partindo da configuração do projeto de pesquisa-ação colaborativa do Estágio Supervisionado de Língua Inglesa II, o professor e a professora em formação inicial ao elaborarem os planos de ação colaborativamente, identificaram as seguintes problemáticas para serem resolvidas ao longo das doze aulas na fase de regência.

- ✓ De que forma trabalhar o conteúdo exigido pelo currículo referência da Secretária Estadual de Educação² (gênero anúncio publicitário) em sequência didática?
- ✓ Como elaborar uma atividade avaliativa englobando todos os aspectos (do gênero anúncio publicitário) que foram propostos para os/as alunos/as

O objetivo da colaboração entre os/as professores/as em formação inicial na fase de regência, foi justamente o planejamento das aulas de acordo com a realidade do contexto em que o/a aluno/a se encontra. Este aspecto também é comentado por Silvestre; Pessoa (2010, p.

² Segundo consta no próprio documento, “o Currículo Referência tem como objetivo contribuir com as Unidades Educacionais apresentando propostas de bimestralização dos conteúdos para melhor compreensão dos componentes do currículo e sua utilização na sala de aula” (GOIÁS, 2012, p.8).



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

91) “um dos aspectos cruciais da pesquisa-ação colaborativa são os momentos em que o grupo de pesquisa se encontra para dialogar a respeito da investigação que está realizando”.

Assim, vejamos quais são as reflexões que o professor e a professora em formação inicial fazem a respeito da colaboração no planejamento feito por ambos para o desenvolvimento para a fase de regência.

O planejamento foi colaborativo sim, pois trabalhamos juntos a fim de desenvolver aulas que envolvessem toda a turma, *pois não justificaria trabalharmos algo em que os[/as] principais interessados[/as] não participassem. Ainda mais tendo como foco a colaboração, que prima por desenvolver mudanças por meio de trabalhos de planos de ação.* As minhas ideias estiveram sim presentes nas aulas planejadas. (Alinny, grifos nossos)

Creio que a colaboração no planejamento funcionou bem. Antes mesmo da fase de semirregência, tínhamos em mente planejar aulas que não fossem monótonas, aquela que só o/a professor/a fala e o/a aluno/a ouve. Tentamos o máximo fugir das abordagens tradicionais e assim, promover oportunidades que para que o/a aluno/a participasse ativamente da aula. *Nos encontros para o planejamento das aulas tentamos ao máximo criar situações para que houvesse também a colaboração dentro da sala de aula entre o professor e a professora em formação inicial, assim como os/as alunos/as.* (Marcelo, grifos nossos)

Magalhães (2002 *apud* PESSOA; BORELLI, 2011, p. 6) ao analisar sobre a reflexão, alude que todos/as os/as participantes de uma pesquisa-ação colaborativa se tornem “pesquisadores[/as] da própria ação”. Por outro lado, Pessoa; Borelli (2011, p. 64), argumentam que questões práticas podem atingir um maior nível de criticidade caso a colaboração contribua significativamente para a reflexão, deste modo, o professor e a professora em formação inicial além de refletirem sobre a sua própria ação, também, incluem as consequências de suas práticas para os/as alunos/as. RIBEIRO FILHO (2015, p. 167) argumenta que “a proposta de reflexão crítica para professores/as não é apenas fazer uma meditação sobre a sua prática, mas sim analisá-la e questioná-la para em seguida reconstruir suas práticas”.

Figueiredo (2006 *apud* SILVESTRE, 2014, p. 644) elenca as contribuições da colaboração: a) “o foco está no processo”; b) a *priori* as funções que cada um do grupo irá exercer não é pré-estabelecido; c) a realização das atividades tem foco nos/as alunos; d) “alunos/as são ativos/as, professores/as são mediadores/as”; e) compartilha-se ideias e pontos de vistas e f) habilidades intelectuais e sociais são favorecidas.



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

Agora, consideremos os excertos que falam sobre o ensino colaborativo entre os/as alunos/as na aplicação do plano de aula 01 e 02.

Desde o início tínhamos em mente a importância de trabalhar de forma colaborativa, para assim promovermos uma relação diferenciada com os/[as] alunos/[as], no sentido de medirmos o conhecimento de forma diferenciada, instigando-os/[as] a buscar por mais informações e conhecimentos. *E para que de fato isso ocorresse era de fundamental importância a parte da colaboração entre nós professor e professora.* (Alinny, grifos nossos)

Penso que o ensino foi colaborativo. Tentamos ao máximo focalizar o/a aluno/a a todo instante na educação linguística. Mesmo tendo a dificuldade de trabalhar com o gênero anúncio publicitário, levamos para a sala de aula temas para que os/as alunos/as refletissem mesmo sem querer. Foi assim ao mostrar o anúncio que tratava sobre o fumo entre os/as adolescentes, consumismo, o mundo fitness. Por meio das perguntas de interpretação dos anúncios, os/as alunos/as participaram ativamente das aulas. (Marcelo)

Ao ser questionado e questionada sobre o envolvimento dos/as alunos/as, o professor e a professora em formação inicial consideram que participação e colaboração, são fatores que favorecem o envolvimento dos/as discentes. Além disso, ao fazer a reflexão sobre o próprio desenvolvimento das aulas, destacamos os seguintes relatos:

O ensino colaborativo contribuiu de forma positiva, *pois mostrou várias possibilidades de mediar o conhecimento através da realidade do/[a] aluno/[a], e com isso possibilitar que o/[a] aluno/[a] passe a participar mais das aulas.* Sendo assim, esse ensino deve ser cada vez mais explorado nas escolas. Tudo funcionou como planejado, pois os professores tinham consciência do trabalho que estavam exercendo. (Alinny, grifos nossos)

A colaboração entre o professor e a professora em formação inicial funcionou bem em todas as aulas ministradas. Só de olhar um para o outro já sabíamos o que tínhamos que fazer para driblar algum atrito que estivesse acontecendo na sala de aula. Porém, nem tudo são flores. *Houve sim momentos que o ensino colaborativo não permitiu que o professor e a professora em formação inicial se sintam responsáveis pela turma, assim como responsáveis pelo andamento e desdobramento da aula.* (Marcelo, grifos nossos)

Seguindo esta análise, corroboramos com o argumento de Pessoa; Borelli (2011), no sentido em que “a atuação colaborativa não pressupõe simetria de conhecimento, ela também não requer uma assimetria capaz de caracterizar um participante como mais competente e responsável pelo desenvolvimento do grupo”. Diante disso, no excerto do professor em



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

formação inicial, Marcelo, ele destaca o papel da colaboração no momento da aula, entretanto, não foi possível se sentir a responsabilidade de um/a professor/a regente, e assim, ele considera que o seu desempenho individual não foi satisfatório.

A professora em formação inicial, Alinny, ainda considera que

Talvez esse trabalho que é o ensino colaborativo por ser novo, deixou os[/as] alunos[/as] um pouco agitados, pois por possibilitar um trabalho mais próximo da realidade deles[/as] de certa forma pode ter provocado um certo tumulto por muitos[/as] quererem participar do que é proposto. (Alinny)

Essa reflexão de Alinny, vem corroborar com a fala de Silvestre (2014, p. 649) que “o processo colaborativo não está livre de tensões, tais como assimetria de ideias e de participação”. Outro ponto importante a ressaltar, é o papel do/a professor/a formador/a na pesquisa-ação colaborativa, como já aludido na seção de fundamentação teórica.

A participação colaborativa desde o início da etapa de planejamento para a confecção das aulas foi extremamente importante para o bom desenvolvimento das aulas dos[/as] alunos[/as]-professores[/as], *uma vez que ao planejarem juntos foi possível prever certos aspectos que podem facilitar a aprendizagem do[/a] aluno[/a]*. Além disso, ao elaborarem as aulas de forma colaborativa antecipando os papéis de cada um em sala de aula a harmonia na execução foi constante. *Em sumo, quando há planejamento e colaboração efetiva os resultados são eficazes, tanto para os[/as] alunos[/as]-professores[/as] quanto para seus[/as] aprendizes*. (Professor formador, grifos nossos)

Como se faz notar, Silvestre (2008), considera que na pesquisa-ação colaborativa, simultaneamente dois processos acontecem, sendo eles: “enquanto os professores investigam suas salas de aula e promovem o desenvolvimento dos[/as] alunos[/as], o[/a] pesquisador[/a]-acadêmico[/a] investiga o desenvolvimento dos[/as] professores[/as]”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

A respeito da nossa experiência com relação a pesquisa-ação colaborativa, achamos de início um pouco desafiador, por se tratar de algo novo para nós. Mesmo que já tínhamos realizados o estágio de inglês no ensino fundamental, o nosso foco não foi a colaboração. Mas no decorrer do trabalho nós fomos nos familiarizando com essa “novidade” e nos interessando cada vez mais por essa metodologia, vendo que no seu desenvolver é possível ver resultados mesmo que pequenos, porém, satisfatórios.

Assim, consideramos que podemos proporcionar para os/as alunos/as momentos de interação por meio da colaboração e do ensino colaborativo. Acreditamos que foi possível proporcionar momentos de reflexão durante as aulas para os/as discentes.

Porém, em alguns momentos, o fato de realizarmos a regência em dupla pode às vezes ser negativo, por não ser possível sentir a responsabilidade de um/a professor/a regente, nos aspectos que se relacionam no andamento e desdobramento da aula.

REFERÊNCIAS

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

BROSSI, G. C.; et. al. Percepções de alunos e acadêmicos sobre o papel do PIBID na escola pública. In: *Anais da IV Semana de Integração: XIII Semana de Letras*. Inhumas, v.2, n.1, p. 511-523. Disponível em <http://www.anais.ueg.br/index.php/semintegricao/article/view/5500/3284>. Acesso em 10 nov. 2015.

FIGUEIREDO, F. J. Q.; OLIVEIRA, E. C. Sobre métodos, técnicas e abordagens. In: FIGUEIREDO, F. J. Q. (Org.). *Formação de professores de línguas estrangeiras: princípios e práticas*. Goiânia: Editora UFG, 2012. p. 11 – 40.

GOIÁS. Secretaria de Estado da Educação. *Currículo Referência da Rede Estadual de Educação de Goiás*. Versão experimental. Goiânia: SEE, 2012.

PESSOA, R. R.; BORELLI, J. D. V. P. Reflexão crítica e colaborativa na formação do professor de língua estrangeira. In: PESSOA, R. R.; BORELLI, J. D. V. P. (Org.). *Reflexão e crítica na formação do professor de língua estrangeira*. 1a.ed.Goiânia: Editora UFG, 2011, v., p. 59-80.



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

PESSOA, R. P; URZÊDA FREITAS, M. T. Ensino crítico de línguas estrangeiras. In: FIGUEIREDO, F. J. Q. (Org.). *Formação de professores de línguas estrangeiras: princípios e práticas*. Goiânia: Editora UFG, 2012. p. 57-80.

RIBEIRO FILHO, M. M. Análise e reflexões de uma aula de inglês sob a perspectiva crítica. In: *Anais da IV Semana de Integração: XIII Semana de Letras*. Inhumas, v.2, n.1, p. 150-160. Disponível em: <http://www.anais.ueg.br/index.php/semintegracao/article/view/5047/2908>. Acesso em 20 dez. 2015.

SCHLATTER, M.; GARCEZ, P.M. *Línguas adicionais na escola: aprendizagens colaborativas em inglês*. Erechim: Editora Edelbra, 2012.

SILVESTRE, V. P. V. *A pesquisa-ação colaborativa na formação universitária de quatro professoras de inglês*. 2008. 155f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Goiás. Goiânia. 2008.

_____. Construção colaborativa de um plano de aula de inglês em um contexto do pibid: um olhar a partir da perspectiva sociocultural. In: *Atos de Pesquisa em Educação*. Blumenau, v. 9, n.3, p.641-661, set./dez. 2014. Disponível em: <http://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/4258/2825>. Acesso em: 12 jun. 2015.

SILVESTRE, V. P. V.; PESSOA, R. R. Contribuições da pesquisa-ação colaborativa: concepções de quatro professoras de inglês em formação universitária. In: BARROS, S.M.; ASSIS-PETERSON, A. A. (OrgS.). *Formação crítica de professores de línguas: desejos e possibilidades*. 1a.ed.São Carlos - SP: Pedro & João Editores, 2010, v., p. 85-102.